

A representação social e identitária de Remo e Frank em *O boqueirão*

Isaías de Oliveira Ehrichⁱ
Henrique Miguel de Lima Silvaⁱⁱ

Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir representação social e identidade cultural, tendo como *corpus* o romance regionalista nordestino “O boqueirão”, tomando-se como ponto de partida para a análise o diálogo inicial entre os dois personagens masculinos, que figuram como representações sociais de um povo: Remo Fernandes, encarnando o sertanejo, que sofre a influência de uma nova cultura e que vive em contraditório processo de adaptação e Frank White, que representa o povo e a alma norte americana. No aspecto teórico, nossa conversa terá o suporte de Moscovici (1961); Ortiz (1994); Deleuze e Guattari (1995); Setton (2002); Jodelet (2002); Giddens (2002); Bauman (2005); Bhabha (2013); Candido et. al. (2014). Para endossar a questão da representação social presente no romance de José Américo de Almeida, faremos uma explanação acerca da Teoria das Representações Sociais e da Teoria do *Habitus* e Identidades.

Palavras-chave: Representação social. Identidade cultural. Personagens. *O boqueirão*.

The social and identity representation of Remo and Frank in O boqueirão

Abstract: This article aims to discuss social representation and cultural identity, having as corpus the northeastern regionalist novel *O boqueirão*, taking as a starting point for the analysis the initial dialogue between the two male characters, who appear as social representations of a people: Remo Fernandes, embodying the sertanejo, who is influenced by a new culture and who lives in a contradictory process of adaptation and Frank White, who represents the people and the North American soul. In the theoretical aspect, our conversation will be supported by Moscovici (1961); Ortiz (1994); Deleuze and Guattari (1995); Setton (2002); Jodelet (2002); Giddens (2002); Bauman (2005); Bhabha (2013); Candido et. al. (2014). To endorse the issue of social representation present in the novel by José Américo de Almeida, we will make an explanation about the Theory of Social Representations and the Theory of *Habitus* and Identities.

Keywords: Social representation. Cultural identity. Characters. *O boqueirão*.

Submetido em: 17 dez. 2022.
Aprovado em: 16 fev. 2023.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Compartilha Igual 4.0 Internacional

DLCV – Língua, Linguística & Literatura

ISSN 1679-6101
EISSN 2237-0900

ⁱ Doutorando em Literatura pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: prof_ehrich@hotmail.com.

ⁱⁱ Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Linguística e Ensino (MPLE/UFPB). E-mail: henrique.miguel.91@gmail.com.

RAMIFICAÇÕES INICIAIS

A desconstrução é um jogo de palavras que tem por objetivo maior mostrar ao leitor a ampla possibilidade interpretativa de um texto e, ao mesmo tempo, a sua ideia de incompletude. Williams (2013), aponta quatro palavras-chave para esse conceito: origem, presença, rastro e *différance*. A primeira, refere-se a “projeções”, a objetivos do texto, que despontam na presença, a qual pode ser entendida como pontos de vista, *a priori*, verdadeiros, mas, posteriormente, interpretados como “ilusórios”. Em seguida, deparamo-nos com pontos lógicos que podem representar, com base em afirmações circundantes e pontos de vista maleáveis, os rastros e, por último, temos o uma noção mais ampla dos pontos lógicos representativos, que mostram a identidade e a incompletude do texto (*différance*). Tais conceitos estão embaralhados num jogo (estrutural, conceitual e contextual) para mostrar que tal processo desconstrucionista é “maleável” e “aberto”.

A criação das personagens é o resultado de um trabalho de vivência e observação dos autores com o meio representado nas obras. Beth Brait afirma que Lukács, ao apresentar uma nova concepção de personagem, submete tal elemento à uma forte influência social e que o mesmo, por tal determinação estrutural, age um sobre os outros e que “continua sujeita [a personagem] ao modelo humano, não obstante as teorias a respeito da poesia já terem avançado quilômetros na direção da especificidade da linguagem”. (BRAIT, 1990, p. 39).

No recorte do narrativo que analisaremos, “*O boqueirão*”, ocorre, através da constituição das personagens, a representação dos sujeitos sociais, os quais mostram-se ora ingênuos, espertos, bondosos, ora, não. A narrativa de José Américo de Almeida, não conta uma história específica, nem, tampouco, fala sobre um ou outro personagem. São fragmentos que ora se encaixam (ora não). Tessituras culturais, representações sociais, pedaços de histórias que se cruzam e, contextualmente, vão se permitindo entender.

O professor Juarez da Gama Batista¹, em um ensaio intitulado “A sinfonia pastoral do Nordeste”², publicado na segunda edição do romance supracitado, pela editora Leitura S.A./MEC, em 1971, diz, acerca da obra que:

O Boqueirão não pode ser resumido à história em termos de drama social, da construção de uma barragem salvadora no Nordeste do Brasil, fracassada como primeiro ato do governo Bernardes. Este romance, de fato, não tem história alguma. Não conta estórias. Sob esse aspecto, como estória a ouvir e

¹ Professor do Instituto de Letras da Universidade Federal da Paraíba e membro da Academia Paraibana de Letras.

² Texto ganhador do Prêmio José Américo de Almeida, da Universidade Federal da Paraíba e publicado na segunda edição do romance.

a ser contada, teria sido um completo fracasso [...]. Ninguém lhe teria percebido, então, a natureza de ritual, de celebração de mitos: o mito da ação resolutiva e da capacidade de agir...

Mas é justamente o que vem a ser *O Boqueirão*: um corpo de mitos lançado sobre um afresco de inocente e esplêndida fatura renascentista, saudável, irradiante, vencedora. (BATISTA, 1971, p. 86).

Por não ter um enredo uníssono, por ocultar detalhes descritivos de personagens e por possuir uma descontinuidade de ações, o referido romance parece, muitas vezes, sem nexos. É preciso ir intercalando ao seu enredo, conhecimentos contextuais para que a história ganhe sentido. Abre-se um leque de discussões que não estão explícitas na narrativa, mas que o autor diz e, se as deixarmos passar sem percebê-las, seguindo o fluxo de como ele debulha a história no papel, elas ficarão para trás sem a percepção devida.

Neste trabalho, discorreremos sobre as características aproximativas do Rizoma, de Deleuze e Guattari (1995), por meio de duas personagens masculinas de “O Boqueirão” e sua representatividade social no enredo desta obra de José Américo de Almeida. As personagens em questão mesmas são caracterizadas como protagonistas e, já por isso, têm grande relevância dentro do texto literário em estudo. Falaremos sobre as personagens principais masculinas de “O boqueirão”: Remo Fernandes e Frank White e tentaremos entender como elas podem ser caracterizadas.

A primeira personagem é **Remo Fernandes**, filho do Alto Sertão Paraibano, possivelmente, um jovem oriundo de base familiar de posses (fazendeiro/coronel), pois ele vai estudar nos Estados Unidos da América, antes de 1920. No enredo, há apenas pistas temporais. A única referência de tempo é que o rapaz passou sete anos estudando na América do Norte: “*Foram sete anos de ausência*”. (ALMEIDA, 1979, p. 124).

Como as obras de açudagem de Boqueirão/Cajazeiras-PB iniciaram em 1921, sendo paralisadas em 1925, supõe-se que o enredo se passe entre o final de 1924 e início de 1925, quando ocorre a interrupção das obras da construção do açude. Nesse caso, conjectura-se que Remo partiu em 1917 para os Estados Unidos da América.

Frank White era norte americano, amigo de Remo e também engenheiro. Veio para o Brasil para trabalhar nas obras hidráulicas, porém, quase nada se tem também de caracterização do mesmo. Por sua interação com os demais personagens, nota-se que ele entende e fala bem a língua portuguesa e até procura integra-se ao modo de vida das pessoas que moram no acampamento.

Na obra de José Américo de Almeida, Remo encanta, seduz as moças (principalmente as três personagens principais, que serão estudadas na pesquisa) e não firma nenhum

compromisso com nenhuma delas. O mesmo representa a não fixação de valores, de cultura e de sentimentos, seja em um lugar, seja com pessoas. O grande propósito dele é o progresso e o que se pode ganhar por meio dele. Essa personagem reflete muitos homens sertanejos envolvidos com a mudança dessa região de secas. Além disso, mostra, por meio de suas ações, o modo como tais homens encaravam a vida, o trabalho, o amor: como um jogo de interesses para se posicionar melhor diante de uma sociedade moderna. Remo não se permite criar laços afetivos e não se sente culpado por brincar com os sentimentos e os sonhos das moças do lugar. Estaria ele errado? Certamente, não, pois, na visão de Remo, tudo isso seria uma diversão e que elas também gostavam de estar em sua presença e, antes de paixão, o que realmente buscavam era um bom casamento para cumprir a tradição sertaneja.

A personagem americana, de “O boqueirão”, Frank White representa o estrangeiro que não tem vínculos (e tampouco faz questão de ter) com o sertão e com as pessoas que nele vivem. O mesmo busca verificar e analisar as riquezas que o local possa ter e, a partir de então, ver qual a melhor maneira de delas usufruir. Seguindo o mesmo ponto de vista sobre as mulheres, Frank as vê como criaturas sensíveis e, até certo ponto, ingênuas, ideais para serem moldadas. Frank White, mostra-se capaz de articular e desarticular seus pontos de vista conforme os seus interesses próprios e os de sua nação, pois entende que um é complemento do outro: “*Cada qual paga o tributo material e entra com um pouco de sua alma para integrar a grande alma dos Estados Unidos da América, que é de todos e não pertence a ninguém*”.

Num tom de opressão cultural, mesmo a conversa entre ambos ocorrendo de forma amistosa, Frank, afirma: “*O espírito de um povo é uma formação que se eleva cima dele próprio. É uma essência filtrada de geração em geração. O que fica em baixo é a escória inútil*”. E acrescenta a Remo: “*Leva-se a alma dos Estados Unidos. A terra da seca ainda não tem alma*”. Conforme o ianque, não importa aonde o americano vá, a ideia estereotipada de supremacia sobre o outro o acompanhará, pois tal identidade coletiva já está arraigada em suas almas. E quanto ao brasileiro, este teria sempre negado o direito de marcar sua identidade (nacional), a qual, na visão do americano, estava vazia, uma vez que não tinha alma, ou seja, essência.

Recordemos, aqui, uma passagem de “Alegorias da leitura”, quando Paul de Man afirma que:

qualquer narrativa é primeiramente a alegoria de sua própria leitura, ela fica presa em *double-bind*, um ponto de difícil indecibilidade. Na medida em que trata de um tema [...], conduzirá sempre ao confronto de significados incompatíveis entre os quais é necessário, mas impossível decidir em termos de verdade e erro. Se uma das leituras é declarada verdadeira, sempre será

possível desfazê-la por meio da outra; se for declarada falsa, sempre será possível demonstrar que ela afirma a verdade de sua aberração. (MAN, 1996, p. 95).

Fazendo uma ligação entre a citação acima e a narrativa em análise, temos a indecidibilidade na própria construção das personagens dentro do enredo. José Américo traz, logo no início da história a problemática da trama: “o brasileiro só aspirava a uma vida de ação. Queria salvar, quando nada, o seu sertão sacrificado. Descobrir-lhe a alma, curá-lo do mal de amor; criar-lhe a alegria providencial. Desejava afeiçoar a terra da seca a um tipo de civilização prática e feliz.” (ALMEIDA, 1979, p. 120). Ao passo em que abre ao leitor a sua trama, o autor conduz o leitor a uma visão, por vezes, deturpada das personagens em questão, na qual podemos fazer distintas leituras das mesmas.

A todo momento, Remo é mostrado como um sedutor, que quer quebrar, retirar do pensamento das pessoas, sobretudo das mulheres, a ideia de amor, para que as mesmas não venham sofrer com esse sentimento e, com isso, possam ter uma vida mais “prática e feliz”. A personagem sertaneja chega a brincar com os sentimentos das moças locais para que as mesmas amadureçam. Tal brincadeira se transforma em um grande jogo de interesses do mesmo para com as jovens. No entanto, Remo demonstra ao leitor que o seu verdadeiro empenho se volta para a implantação do maquinário e das obras de açudagem.

Por outro lado, Frank vai sendo construído sutilmente. É um forasteiro que, aos poucos vai ganhando a simpatia dos moradores do lugar, mostrando ingenuidade e aberto à nova cultura, embora tenha em si a ideia de supremacia sobre o povo brasileiro, sobretudo, os sertanejos. Enquanto enfatiza a Remo que devemos mantermo-nos imunes ao amor, que devemos apenas seduzir e usar (sexualmente) as moças, Frank vai, em sua frieza sentimental, construindo laços afetivos com a mais ingênua das personagens femininas, deixando subentendido que a sua pretensão maior não é desenvolver um romance com a garota, mas apenas seduzi-la.

Na elaboração das personagens dessa narrativa, José Américo coloca-as lado a lado, a pé de igualdade sobre como as mesmas podem ser vistas, de um lado, como protagonistas, rapazes dedicados às obras da construção da barragem e dos serviços de irrigação, que farão do sertão nordestino brasileiro um celeiro agrícola, do outro lado, como jovens que querem modificar a cultura local em detrimento a uma cultura moderna, estrangeira, sinônimo de desenvolvimento e progresso, mas que para isso, não interessa a tradição, tampouco o amor. Sentimento esse que, segundo a visão dos mesmos, só atrasa o desenvolvimento local, uma vez que prende as pessoas.

Nessa luta sobre o amor, entre amar e brincar de amar, as personagens em questão, travam uma batalha interior sobre o tema. Percebemos que há um jogo de ideias e interesses, não explícitos, entre tais personagens. A teoria desconstrucionista auxiliará essa análise para dissecar tais personagens e procurar entender como Frank e Remo deixam em suspenso no texto a maneira como eles, verdadeiramente, encaram esse sentimento, uma vez que, nos rastros textuais, eles, ao brincarem de amar com as moças, brincam consigo próprios.

REMO E FRANK E AS CARACTERÍSTICAS APROXIMATIVAS DE RIZOMA

Para entendermos as características aproximativas de Rizoma presentes em “O boqueirão”, especificamente entre as personagens Remo Fernandes e Frank White, é importante compreendermos esse conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari (1995). Segundo os mesmos, Rizoma é um conceito opositivo às acepções dos sistemas de pensamentos dominantes (árvore-raiz pivotante), baseado num raciocínio de imanência e numa lógica extensiva do pensar. Nesse comparativo radicular, o Rizoma é um sistema filosófico que compreende a realidade como uma multiplicidade de raízes fasciculadas (raízes radiculas) em linhas de articulação diversificadas, sem fixação a nenhum conceito ou pensamento tradicional. É, pois uma lógica de raciocínio estriado, superficial e viscoso.

REMO E FRANK: ELEMENTOS DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL, HABITUS E IDENTIDADE

Desde as primeiras linhas, José Américo de Almeida chama a atenção para o embate cultural a ser travado durante a narrativa, o que Bhabha (2013) viria a chamar de “entre-lugar”. Almeida (1979) abre a história com um diálogo entre dois personagens: Remo e Frank, os quais são uma espécie de alegoria, de representação de um grupo social.

No fragmento abaixo, temos o diálogo inicial entre os dois personagens, na íntegra, para que possamos compreender melhor a nossa proposta de trabalho. Atentemos, pois, para a visão de cada um sobre a identidade cultural:

“Viviam os dois como irmãos na Universidade de Ohio.
O brasileiro exaltava o Brasil:
— Terra onde se dá tudo.
E mais aquilo
.... Mas havia no seu país uma terra diferente de todas as outras:
— Terra onde não se brinca com amor. Terra de palavra dada: sim-sim, não-não.

Era seu sertão nordestino.

E ele deplorava com grande angústia filial:

— *Terra da seca!*

Testemunhara as obras de utilização das zonas áridas da América, como um milagre de política hidráulica. Não havia infelicidade maior que sofrer a felicidade dos outros.

E evocava seu rincão devorado pelas soalheiras impunes. Um povo assado vivo, clamando de fome e sede do deserto, desde que o Brasil era Brasil.

O ianque queria formar o contraste:

— O americano dá muito à sua pátria. Cada qual paga o tributo material e entra com um pouco de sua alma para integrar a grande alma dos Estados Unidos da América, que é de todos e não pertence a ninguém.

O brasileiro observou, despeitado:

— Essa alma é tão grande que chega a invadir os países vizinhos...

E o ianque ratificou:

— A América vai até onde for o interesse dos seus filhos. Seus limites são esses interesses.

O brasileiro deixou cair a cabeça com tanto desalento que parecia um gesto de aprovação. O Brasil limitava-se dentro do próprio território em zonas de proteção e desproteção.

Mas não deu o braço a torcer. Entravam girls, tomando liberdades de homem para homem. E ele desforçou-se:

— Esta civilização sacrificou o amor. Quando penso que é amor, é brincadeira: quando penso que é brincadeira, é amor...

O ianque riu:

— São humorismos do coração...

E, pondo-se sério:

— Está enganado! O americano procura, apenas, defender-se do amor que mata de verdade ou pelo ridículo. São homens e mulheres que valorizam a vida; mas também sabem virar crianças, quando é preciso torná-la alegre.

E ainda dissertou:

— Há reservas de tudo: materialismo e idealismo; os piores bandidos e os maiores moralistas...

O brasileiro retorquiu:

— É a alma que deve ser uma unidade moral?

O ianque elucidou:

— O espírito de um povo é uma formação que se eleva acima dele próprio. É uma essência filtrada de geração em geração. O que fica em baixo é a escória inútil.

Desde esse dia, o brasileiro só aspirava a uma vida de ação. Queria salvar, quando nada, o seu sertão sacrificado. Descobrir-lhe a alma; curá-la do mal de amor; criar-lhe a alegria providencial. Desejava afeiçoara a terra a um tipo de civilização prática e feliz.

Até que, uma vez – já estavam formados – deparou-se-lhe o anúncio alvissareiro:

A Dwhigt P. Robson Co. precisa de engenheiros para as grandes obras hidráulicas contratadas no nordeste do Brasil.

Correu o ianque:

— Veja que coisa! Ainda bem não terminamos o curso... E, notando-lhe certa hesitação:

— Não se importe. Leva-se a alma dos Estados Unidos. A terra da seca ainda não tem alma.

Remo Fernandes e Frank White tomaram o primeiro vapor para os sertões semi-áridos do Brasil. (ALMEIDA, 1979, p. 119-120).

A partir do diálogo acima, um ponto merece nossa atenção é o conceito de superioridade americana, típica daquela cultura. Percebe-se a altivez do povo americano e a ideia de que eles têm superioridade sobre os demais povos, como o brasileiro. Esse tema, que hoje em dia ainda não foi esgotado, já vinha sendo discutido no romance, no início do século XX.

Além disso, percebe-se que há um estranhamento, por parte de Remo, diante de certos comportamentos, sobretudo acerca da postura feminina americana, ao perceber, no ambiente em que se desenvolve a conversa entre os rapazes, o modo como elas agem: “*Entravam girls, tomando liberdades de homem para homem*” (ALMEIDA, 1979, p. 120). Atitude essa totalmente diferente das tomadas pelas moças de sua terra natal que, “*Tinham pudor de falar; só não tinham pudor de sorrir*”.

O modo acanhado das moças sertanejas contrastando-se ao modo despojado das americanas fazia Remo sentir-se um estranho naquela cultura. Estranhamento esse, como coloca James (apud BHABHA, 2013, p. 32), “*inerente àquele rito de iniciação extraterritorial e intercultural*”, fazendo-o notar-se como um estranho fora de casa, fora de seu ambiente familiar que, no caso, era a terra natal.

Quanto a Remo, destacamos alguns fragmentos: “*O brasileiro exaltava o Brasil: — Terra onde se dá tudo*”. Nessa passagem, alusiva à Carta do Descobrimento e, por conseguinte, já nos remete à ideia de colonizado x colonizador, temos, de início o orgulho da terra natal, a valorização de qualidades, no caso, dos aspectos naturais, embora, mais à frente, ele mostre o sofrimento do seu povo marcado pelo estigma das secas: “*Um povo assado vivo, clamando de fome e sede no deserto, desde que o Brasil era Brasil*”.

Apesar de reconhecer o valor de seu país e as dificuldades dele, Remo, que acaba sendo uma representação social do povo brasileiro, acaba por deixar-se vencer, embora discordando, pelo posicionamento do amigo americano. Quando após dizer que naquele país havia uma certa doação de todo o povo americano para formar a nação estadunidense, e dizer que “*A América vai até onde for o interesse dos seus filhos. Seus imites são esses interesses*”. “*O brasileiro deixou cair a cabeça com tanto desalento que parecia um gesto de aprovação*”.

Pelo discurso de Frank White, notamos claramente a ideia de pertencimento e de “*identidade nacional*”, como bem coloca Bauman (2005, p. 28) sobre o tema: “a identidade nacional objetivava o direito monopolista de traçar fronteiras entre ‘nós’ e ‘eles’.” Mais à frente, ainda expõe:

a identificação também é um fator poderoso na estratificação, uma de suas dimensões mais divisivas e fortemente diferenciadoras. Num dos polos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as

suas identidades mais ou menos à própria vontade (...). Noutro polo, se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não tem direito de manifestar as suas preferências e que no final se veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas *por outros* – identidades que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que esteriotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam. (BAUMAN, 2005, p. 44).

Essa afirmação de Bauman fica clara quando, voltamo-nos ao diálogo dos personagens e percebemos que o brasileiro se sente impotente ao se manifestar sobre a visão do amigo acerca da “alma americana”, que rompe fronteiras, conforme os interesses daquele povo. O ianque, por sua vez, mostra-se capaz de articular e desarticular sua identidade conforme os seus interesses próprios e os de sua nação, pois entende que um é complemento do outro: “*Cada qual paga o tributo material e entra com um pouco de sua alma para integrar a grande alma dos Estados Unidos da América, que é de todos e não pertence a ninguém*”.

Num tom de opressão cultural, mesmo a conversa entre ambos ocorrendo de forma amistosa, Frank, afirma: “— *O espírito de um povo é uma formação que se eleva cima dele próprio. É uma essência filtrada de geração em geração. O que fica em baixo é a escória inútil*”. E acrescenta a Remo: “*Leva-se a alma dos Estados Unidos. A terra da seca ainda não tem alma*”. Com essas palavras, temos um exemplo do que Bauman afirmara sobre o objetivo monopolista da identidade nacional de delinear os alcances entre nós (representado por White) e eles (representado por Fernandes), ou seja, não importa aonde o americano vá, a ideia estereotipada de supremacia sobre o outro o acompanhará, pois tal identidade coletiva já está arraigada em suas almas. E quanto ao brasileiro, este teria sempre negado o direito de marcar sua identidade (nacional), a qual, na visão do americano, estava vazia, uma vez que não tinha alma, ou seja, essência.

Como bem falamos no início dessa exposição acerca do romance, em “O boqueirão” não há uma unicidade temporal. Acontece um desencaixe narrativo, com fluxos de consciência que oscilam cronotopicamente, fazendo com que tal narrativa possua características modernas e, por que não dizer, pós-modernas?

Na narrativa, Remo ao chegar ao sertão com Frank, protagoniza um embate cultural entre o passado e o presente, o saudosismo e o progresso, a corrida para o futuro ou a fuga para o passado é travado, sobretudo pelo personagem Remo, o qual volta dos Estados Unidos com uma visão progressista e quase nada cultural, demonstrando um sujeito : Remo, Giddens (2002, p. 10) afirma que “*a vida social moderna é caracterizada por profundos processos de*

reorganização do tempo e do espaço, associados à expansão de mecanismos de desencaixe – mecanismos que deslocam as relações sociais de seus lugares específicos”.

Ao chegar ao sertão nordestino brasileiro, Remo mostra-se alheio à cultura local, numa espécie de recriminação ao que era (e ainda é) tradição no lugar: a vaquejada. Todavia, os americanos (que a priori eram para exprimir resistência à essa nova cultura, são expostos como adaptados e abertos a mesma, como bem podemos ver nesse trecho:

Remo vociferava de dentro do carro:

— Acabemos com isso! Passou o tempo da selvageria! O sertão civiliza-se...

Os americanos retrucavam, batendo palmas:

— Brasil bonito é vaquejada! Beleza dos perigos da vida...

E Frank White debicou:

— Besteira, Remo... Toma um cavalo e vai correr. Serás belo, como teus irmãos...

[...]

Remo retirou o olhar indignado com a cena brutal.

(ALMEIDA 1979, p. 122,123).

A vaquejada, que era uma das expressões culturais de sua terra natal, passa a ser algo perverso aos olhos Remo. O mesmo não vê mais a beleza que os seus conterrâneos veem e não sente mais alegria que os vaqueiros sentem diante daquele esporte, tão sacrificante para os animais. Ao dizer que “o sertão civiliza-se”, o engenheiro brasileiro exprime a sua visão de que aquilo era algo bárbaro, primitivo. No entanto, os estrangeiros adaptam-se àquele modo de diversão sertanejo.

A visão do novo, provocada pela assimilação de uma cultura diferente, dita como civilizada (representada por Remo: aquele que traz de fora ao seu lugar uma percepção cultural distinta do que entendera como tradição histórica) e de uma expressão de aculturação (nesse caso, representada por Frank, que facilmente entende e valoriza aquele tipo de manifestação cultural – contrariando a sua postura inicial), provocam um certo embate cultural e até mesmo identitário, uma vez que

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com o novo que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia de “novo” como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado, refigurando-o num “entre-lugar” contingente que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não nostalgia de viver. (BHABHA, 2013, p. 29).

Nesse embate cultural, Remo ia integrando as suas experiências passadas (as quais construíra a sua identidade social) com suas percepções acerca do modo como o seu lugar estava

sendo modificado, realizando, assim, apreciações sobre a realidade, que acabariam gerando, consciente ou inconscientemente novas ações. Essa relação de passado/presente, atrelada ao seu *habitus* e a sua identidade, faziam-no agir de modo adaptado, oscilando entre o que era e o que viria a ser. “*Eram duas vidas que se chocavam: o futuro que vinha ao encontro do presente, entrando pelo passado.*” (ALMEIDA, 1979, p. 144).

Remo se sentia no inter-ser, no *intermezzo* rizomático (DELEUZE; GUATTARI, 1995) cultural e social, compreendendo-se mergulhado numa sociedade rasa, aculturada e, principalmente, estranha ao que havia sido, pois percebera que “*O sertanejo não será um forte*”, pois seus conterrâneos “*Viviam como estrangeiros na terra transformada. Não compreendiam a mutilação dos preceitos que formavam a sua realidade*”. (ALMEIDA, 1979, p. 144).

No decorrer do romance, Remo mostra-se insatisfeito, inconformado com certas ações sociais e culturais de seu lugar, ora a valorizá-las, ora a refutá-las. Contrastando-se com sua visão ao chegar ao sertão nordestino e ao se deparar com uma vaquejada.

Em dado momento, o personagem brasileiro revela-se indignado ao perceber que a cultura local está fortemente sendo contaminada pela cultura exterior, que a própria configuração das casas, construídas de modo improvisado, iam modificando formas de viver dos sertanejos que “*ia deixando de ser a grande tribo de solidariedade patriarcal*” e ia se tornando uma comunidade individualizada em que “*cada qual vivia e morria por si. Só se encontravam para se divertir*”.

Nas citações acima, a ideia romantizada de local puro, primitivo, inexplorado, começa a dar lugar a um ambiente aos moldes urbanos, voltado ao progresso, ao novo e ao individualismo. Ademais, as pessoas vão se esvaziando de coletividade e de identidade, uma vez que as “*... existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados*” (BAUMAN, 2005, p. 18-19) sem profundidade identitária, e o “*lugar torna-se assim muito menos significativo do que costumava ser como referente externo da vida do indivíduo.*” (GIDDENS, 2002, p. 137).

Em outro momento, Remo apresenta-se revoltado com a sua cultura, tendo a ponderação de seu amigo Frank White, como veremos no fragmento abaixo:

Remo manifestava asco dos costumes fósseis:

— Para obter a conquista material, é preciso construir outra alma do sertão. Só há um remédio; esquecer-se do que foi para se tornar o que deve ser.

Frank White abria-se com ele:

— É necessário espreitar o tempo: não ir atrás nem adiante do tempo.

Remo invocava o exemplo da América, ao que ele redarguira:

— Essa é a América que você viu por fora. E defendia o sertão:

— Para que anexar uma civilização estranha? A terá é pura. Deve manter o seu caráter! A felicidade parece pouca, mas é espontânea e simples. Não cansa. Tudo é natural. Até a infelicidade é natural.

[...]

E o americano retomava a sua tese:

— É preciso um contato que aperfeiçoe sem desnaturar. Lá você não era assim, não pensava assim. Lá era todo Brasil; aqui é todo Americano.

(ALMEIDA, 1979, p. 145-146)

Nessa conversa, Remo vê a cultura como algo moldado a costumes e mutáveis conforme os propósitos dos agentes culturais, sobretudo aqueles que representam uma certa elite de dominação econômico-social. Para tanto, ele defende ser contrário à inserção de outra(s) cultura(s) à local, quando afirma que seria preciso esquecer a tradição e criar uma nova, pura, natural. Justificando o que explana Keesing em seu artigo “*Theories of Culture*” (apud LARAIA, 2009, p. 59-60), ao dizer que “Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos” e que a sua mudança equivaleria a “*um processo de adaptação equivalente à seleção natural*”.

Entendendo essa contradição interior, essa instabilidade identitária de Remo, diante do embate de realidades e, representando o dominador cultural, Frank White, friamente, observa, vê as inquietações do amigo diante do receio do novo e de uma tentativa de negação de uma nova cultura que se insere no sertão, o qual ora defende, ora acusa, analisa a postura do mesmo e defende que a integração entre culturas é necessária para um aprimoramento. Nessa defesa, deixa nas entrelinhas, porém sua tese inicial: a de que o sertão brasileiro ainda não tinha alma e que trazia para cá, a alma americana, ou seja, a cultura dominante.

FINALIZANDO ESTA CONVERSA

Não diferentemente de vários outros livros de nossa Literatura, “O boqueirão”, de José Américo de Almeida não foi, a priori, recebido com a mesma aceitação do que fora o seu antecessor “A bagaceira”. É um livro que estava à frente de seu tempo, quanto ao modo de narrar, de construir personagens e de estruturar uma narrativa, assemelhando-se a textos literários pós-modernos.

Segundo Batista (apud ALMEIDA, 1979, p. 118): “*é um livro que suas antecipações fez velho demais para seu tempo. Foi um livro que nasceu antes*”. Hoje em dia, podemos fazer uma leitura mais amadurecida do mesmo e de suas tessituras narrativas, sobretudo no que tange aos aspectos de identidade cultural e representação social.

Diante do que já foi explicado, entendemos que a representação social acaba sendo uma forma de conhecimento sociocêntrico, que segue as necessidades e os interesses do grupo, estruturando-se num imo de significações, saberes e informações. Desse modo, como toda representação é a representação de algo (no nosso caso, de uma sociedade) ou de alguém (um sujeito social), imergidos em condições peculiares de seu tempo e espaço, deve-se considerar a cultura (no seu aspecto restrito e amplo), a comunicação e linguagem (dentro, fora, entre grupos, ou de massa), e a inserção socioeconômica, institucional, ideológica e educacional para se compreender a representação social.

Ademais, não podemos esquecer que o *habitus* busca recuperar a noção ativa dos sujeitos como produtos (e mantedores) da história de todo campo social e de experiências acumuladas no curso de uma trajetória individual. Igualmente falando, o *habitus* é também adaptação; ele realiza sem cessar um ajustamento ao mundo que só excepcionalmente assume a forma de uma conversão radical, ou seja, intenta romper com as interpretações unidimensionais.

Por isso, o *habitus* do indivíduo moderno é tecido pela interação de distintos ambientes, em uma configuração longe de oferecer padrões de conduta fechados. Assim, abre-se a possibilidade de pensar o surgimento de um outro sujeito social, abre-se espaço para se pensar a constituição da identidade social do indivíduo moderno a partir de um *habitus* híbrido, construído não apenas como expressão de um sentido prático incorporado e posto em prática de maneira “automática”, mas uma memória em ação e construção.

Percebemos ainda que a representação social não desassocia o sujeito do seu contexto e do seu *habitus*; havendo, ainda, um retorno dessa associação, num processo intercambiável, entre as partes em questão, do saber consensual e reificado.

No que se refere a “O boqueirão”, temos os dois personagens como representações sociais de um povo: Remo Fernandes, encarnando o sertanejo que sofre a influência de uma nova cultura e que vive em contraditório processo de adaptação. É a alma nordestina, antes pura, intocada, mas que ao ter contato com o externo, com o moderno, recebe as influências deste, causando-lhe, em vários momentos, diluição de sua própria identidade, confundindo-o com a estrangeira. Franck White, por sua vez, representa o povo e a alma norte americana. É um estrangeiro que vem ao Brasil, insere-se na cultura sertaneja e, a priori, mostra-se adaptado à mesma, contudo, ele, aos poucos, vai colocando o seu ponto de vista e inserindo o seu modo de ver e agir na realidade do outro (que no caso, é o sertanejo).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, José Américo de. *Novelas: reflexões de uma cabra, o boqueirão, coiteiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- BATISTA, Juarez da Gama. *A sinfonia pastoral do Nordeste*. 2. ed. Rio de Janeiro: Leitura S.A./MEC, 1971. (Ensaio)
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ática, 1990. (Série Princípios)
- CANDIDO, Antônio et al. *A personagem de ficção*. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. (Debates)
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. vol. 1. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: 34, 1995. (Coleção TRANS)
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise. (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. p. 17-44.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- MAN, Paul de. *Alegorias da leitura: linguagem figurativa em Rousseau, Nietzsche, Rilke e Proust*. Tradução: Lenita R. Esteves. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- MOSCOVICI, Serge. *Comunicação apresentada ao Colóquio sobre as representações sociais*. Paris: HESS, 8-10 jan. 1979.
- MOSCOVICI, Serge. *La psychanalyse, son image, son public*. Paris: PUF, 1961.
- ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, n. 20, p. 60-72, maio/ago. 2002.
- WILLIAMS, James. *Pós-estruturalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.